

Hipótese substancial, valor e produção simbólica: uma “arqueologia” da Economia Política da Comunicação.

Hipótesis sustancial, valor y producción simbólica: una “arqueología” de la Economía Política de la Comunicación.

Substantial hypothesis, value and symbolic production: an “archeology” of the Political Economy of Communication.

Alain Herscovici

Doutor em Economia pelas Universidades de Paris I Panthéon-Sorbonne e de Amiens. Professor titular do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Economia da UFES.

Contato: alhersco.vix@terra.com.br

Resumo

Este texto propõe-se em estabelecer um paralelo, de cunho epistemológico, entre a Economia Política da Comunicação (EPC) e a Ciência Econômica, no que diz respeito à concepção do valor. O nexos central desta pesquisa pode ser descrito da seguinte maneira: os trabalhos de antropologia e de sociologia da Cultura (Dumont, Bourdieu) ressaltaram o fato que o valor dos bens culturais não constitui uma propriedade intrínseca desses bens, mas são o produto de relações sociais específicas e historicamente determinadas. Aplicarei esta problemática ao conceito de valor econômico e, a partir da refutação da hipótese substancial, ressaltarei sua dimensão social e histórica.

Palavras-chave: produção simbólica; valor; economia política.

Resumen

Este texto propone establecer un paralelo epistemológico entre la Economía Política de la Comunicación (EPC) y la Ciencia Económica, en relación con el concepto de valor. El nexos central de esta investigación se puede describir de la siguiente manera: los trabajos de la antropología y la sociología de la cultura (Dumont, Bourdieu) pusieron de relieve el hecho de que el valor de los bienes culturales no constituye una propiedad intrínseca de estos bienes sino que son el producto de relaciones sociales específicas y determinadas históricamente. Voy a aplicar este análisis al concepto de valor económico y, a partir de la refutación de la hipótesis sustancial, ressaltarei su dimensión social e histórica.

Palabras clave: producción simbólica; valor; economía política.

Abstract

This paper aims to establish an epistemological parallel between Political Economy of Communication and Economic Science, with respect to the conception of value. The central nexus of this research can be described as follows: the works of anthropology and sociology of culture (Dumont, Bourdieu) have emphasized the fact that the value of cultural goods does not constitute an intrinsic property of these goods, but are the product of specific and historical relations. I will apply this problem to the concept of economic value and, based on the refutation of the substantial hypothesis, I will emphasize its social and historical dimension.

Keywords: symbolic production; value, political economy.

I) O tema do valor sempre foi presente na Ciência Econômica: desde sua fundação, com a escola fisiocrática, no século XVIII, até hoje, esta problemática é presente, implícita ou explicitamente, na maior parte dos debates teóricos; de Adam Smith à Ricardo, Marx e Sraffa, no que concerne à Escola clássica e seus desenvolvimentos modernos, de Jevons, Menger e Walras até a teoria das expectativas racionais, no que diz respeito à escola neoclássica.

Além de suas diferenças, essas diferentes escolas, incluindo o marxismo, adotam a *hipótese substancial*: esta hipótese parte do princípio segundo o qual os bens econômicos, ou as mercadorias, possuem um valor intrínseco. Quando Adam Smith descreve as sociedades “primitivas”, ele atribui aos seus membros uma propensão “natural” à troca (1980); Marx afirma que “torna-se óbvio que não é a troca que determina a quantidade de valor de uma mercadoria, mas, o contrário, a quantidade de valor que determina a troca” (1976, Livre I, p. 69).

A economia neoclássica vai igualmente adotar esta hipótese: os bens possuem características objetivas (Lancaster, apud Orléan, 2011), e o sistema dos preços concorrenciais permite divulgar gratuitamente a totalidade das informações relativas a esses componentes qualitativos, para o conjunto dos agentes econômicos (o postulado de homogeneidade). Esses componentes qualitativos constituem uma característica intrínseca dos bens.

A hipótese substancial corresponde a *um duplo processo de reificação e de universalização*: reificação pelo fato das trocas se limitarem à troca de bens materiais (coisificação) negando a dimensão social da troca (Dumont, 1985, p. 128) – universalização pelo fato dessas características dos bens ou das mercadorias não dependerem de determinadas especificidades sociais e históricas.

A economia neoclássica raciocina a partir de quantidades agregadas de capital; essas quantidades podem assim ser comparadas em épocas diferentes. O capital é concebido unicamente na sua dimensão material, independentemente de qualquer determinante social. Toda a economia neoclássica depende dessa premissa.

II) Várias abordagens permitem refutar a hipótese substancial: a análise ligada à Antropologia Econômica moderna (por exemplo Polanyi, 1983) a refuta, mostrando que, nas sociedades não capitalistas, as relações econômicas são embutidas (*embedded*) no sistema de relações sociais.

Orléan (2011), no âmbito de uma análise econômica heterodoxa diretamente ligada a Keynes, a Akerlof, Grossman e Stiglitz, demonstra que o valor econômico é o produto de relações sociais historicamente determinadas¹; em outras palavras, às evoluções dessas relações sociais correspondem mudanças do valor dos bens econômicos. As implicações são as seguintes: os bens não possuem valor nem características intrínsecos que permanecem no decorrer da História. Seu valor e suas características são o produto de relações sociais que evoluem no tempo. A partir de tal perspectiva, a hipótese substancial significa que as relações sociais

¹ Ele utiliza a parábola de Keynes a respeito do concurso de beleza (1990, p. 129).

permanecem as mesmas no tempo, o que implica em conceber uma realidade social "imutável" e uma História "imóvel" (Herscovici, 2014).

III) Encontramos a mesma oposição na Sociologia da Cultura. A Escola de Frankfurt, a partir dos trabalhos de Adorno e Benjamin, raciocina a partir da hipótese segundo a qual a obra de arte possui um valor intrínseco, ou seja, universal: é apenas a partir desta hipótese que é possível afirmar que a indústria cultural em geral constitui uma forma "degenerada" de Cultura, em relação à perda da aura (Benjamin), e que o jazz não é uma gênero musical à *part entière* (Adorno). Da mesma maneira, a Estética constrói seu objeto de estudo a partir da autonomia do campo cultural, ignorando parcialmente os diferentes determinismos sociais e históricos.

Bourdieu, ao contrário, ressalta a importância dos determinismos sociais nas modalidades de constituição do campo cultural e das *mediações* que esses determinismos permitem construir, o que ressalta a dimensão histórica (e consequentemente relativa) do valor cultural. Isto mostra claramente que a obra de arte não possui um valor intrínseco mas, ao contrário, que este valor é o produto de relações sociais historicamente determinadas. O princípio do Habitus (BOURDIEU, 1979) ilustra perfeitamente este mecanismo.

IV) Essas características sociológicas permitem entender as especificidades da Economia da Cultura: (a) não existe relação entre os custos de produção e as receitas ligadas à valorização econômica desses bens e serviços (b) na ausência de um preço regulador, esses mercados são altamente especulativos (c) consequentemente, esta valorização é particularmente aleatória e (d) não é possível determinar "objetivamente" um valor fundamental para esses bens .

V) Para os economistas que começaram a trabalhar com a Economia da Cultura, no início do anos setenta, o setor das produções culturais apresentava particularidades econômicas relativas à determinação de seu valor, às estruturas dos mercados e às modalidades de valorização econômica. Não obstante, essas especificidades eram limitadas a este tipo de produções.

A partir dos anos 90, o desenvolvimento de todas as formas de capital imaterial (Direitos de Propriedade Intelectual, patentes, marcas, etc.) e das redes sociais se traduziu por uma extensão dessas lógicas à maior parte da Economia; assim, os problemas teóricos e empíricos relativos à Economia da Cultura se relacionam atualmente com a maior parte da produção social.

Depois da famosa controvérsia de Cambridge, nos anos sessenta, surge novamente um debate relativo à natureza do capital e às ferramentas utilizadas para sua medição (HERSCOVICI, 2016). Certos economistas questionam assim o valor explicativo dos instrumentos construídos para medir certas magnitudes agregadas: os ganhos de produtividade do trabalho (Gordon, 2000) ou a relevância do PIB (GRILICHES, 1994)².

² Nos anos 90, Griliches afirmava que 70% da produção social não está embutida no PIB.

VI) *A problemática epistemológica* pode ser expressas nos seguintes termos: a refutação da hipótese substancial foi inicialmente confinada na Economia da Cultura, mas hoje ela está se generalizando para o conjunto das atividades econômicas; os problemas teóricos e empíricos que eram limitados às produções simbólicas se relacionam atualmente com a maior parte das atividades de produção.

Nenhuma matriz teórica “tradicional” na Ciência Econômica tem atualmente condições de resolver esses novos problemas próprios às diferentes formas desenvolvidas no capitalismo pós-industrial, nem a matriz clássica ligada ao valor trabalho, nem a neoclássica que utiliza a teoria subjetiva do valor utilidade.

Do ponto de vista da construção de uma “arqueologia do conhecimento”, no sentido empregado por Foucault (1966), a Economia da Cultura foi pioneira em relação à Ciência Econômica; com um pouco mais de vinte anos de antecedência, ela teve que se deparar com o problema da determinação do valor e de suas determinações sociais e históricas. Hoje, ela tem que explicitar as modalidades, tanto teóricas quanto empíricas, segundo as quais as relações sociais determinam o valor, as novas modalidades de valorização dos bens e serviços e as modificações das estruturas dos mercados. No âmbito desta perspectiva, o conceito de economia “relacional” (HERSCOVICI, 2012) que provém dos trabalhos de Akerlof, Grossman e Stiglitz, parece constituir um caminho promissor.

VII) Esta discussão, diretamente ligada à Epistemologia da Economia Política, é hoje uma questão de primeira importância: ela deveria rever, e eventualmente modificar, certas hipóteses que constituem seu núcleo duro, para se adequar às novas realidades que caracterizam o capitalismo pós-industrial, e contribuir assim para o fortalecimento do Programa de Pesquisa da Economia Política da Comunicação.

Referências bibliográficas

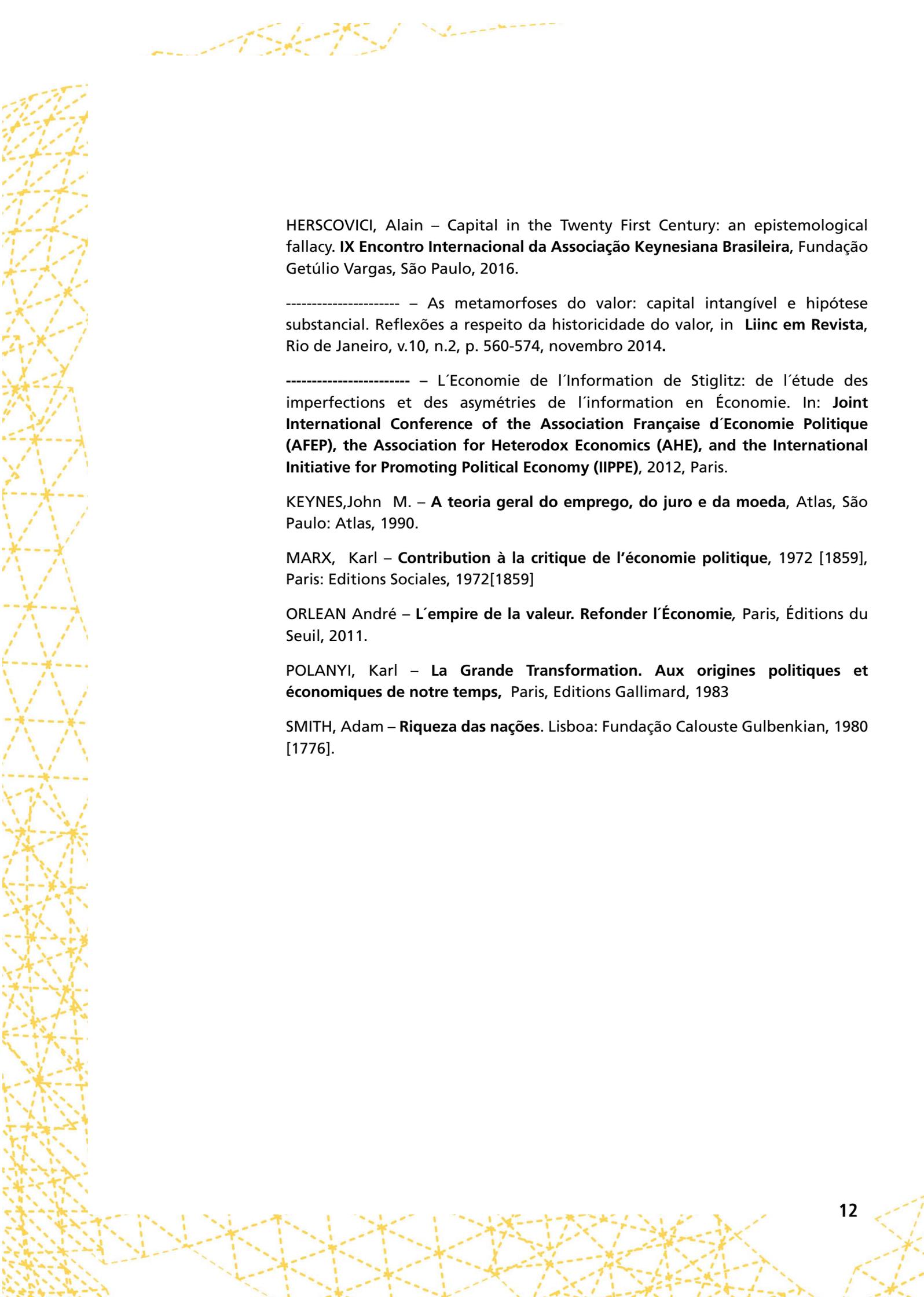
BOURDIEU, Pierre. – **La Distinction. Critique sociale du jugement.** Les éditions de minuit, Paris, 1979

DUMONT, Louis – **Homo aequalis. Genèse et épanouissement de l'idéologie économique,** NRF, Editions Gallimard, Paris, 1985.

FOUCAULT Michel – **Les mots et les choses. Une archéologie des sciences humaines,** Gallimard, Paris, 1966.

GORDON R. – “Does the New Economy Measure up to the Great Innovations of the Past”, **Journal of Economic Perspective**, 2000.

GRILICHES, Z. – “Productivity, R&D, and the Data Constraint.” **American Economic Review** 84, no. 1 (March): 1-23., 1994



HERSCOVICI, Alain – Capital in the Twenty First Century: an epistemological fallacy. **IX Encontro Internacional da Associação Keynesiana Brasileira**, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2016.

----- – As metamorfoses do valor: capital intangível e hipótese substancial. Reflexões a respeito da historicidade do valor, in **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 560-574, novembro 2014.

----- – L'Économie de l'Information de Stiglitz: de l'étude des imperfections et des asymétries de l'information en Économie. In: **Joint International Conference of the Association Française d'Économie Politique (AFEP), the Association for Heterodox Economics (AHE), and the International Initiative for Promoting Political Economy (IIPPE)**, 2012, Paris.

KEYNES, John M. – **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**, Atlas, São Paulo: Atlas, 1990.

MARX, Karl – **Contribution à la critique de l'économie politique**, 1972 [1859], Paris: Editions Sociales, 1972[1859]

ORLEAN André – **L'empire de la valeur. Refonder l'Économie**, Paris, Éditions du Seuil, 2011.

POLANYI, Karl – **La Grande Transformation. Aux origines politiques et économiques de notre temps**, Paris, Editions Gallimard, 1983

SMITH, Adam – **Riqueza das nações**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980 [1776].